

# No choro do deputado, a certeza de ver nome limpo

O deputado Sérgio Guerra (PSB-PE) começou seu depoimento como se tivesse sido cassado previamente. Pouco mais de cinco horas depois, ao deixar a sala da CPI, quase todos os presentes acreditavam na sua inocência. Guerra deu um depoimento convincente, só comparado ao do deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE), seu amigo, com a vantagem de ter contra si acusações menos graves.

A certeza de ter limpo seu nome levou Sérgio Guerra a chorar quando foi interrogado pelo senador Mário Covas (PSDB-SP):

— Toda avaliação justa nasce das primeiras impressões. E a avaliação que eu faço desse depoimento é positiva. Vossa excelência vem pondo com altivez os problemas aqui levantados — analisou Covas.

O senador perguntou, em seguida, como Guerra fora indicado para ocupar a subrelatoria do DNER:

— Eu queria primeiro in-

formar ao senhor que fui seu eleitor para presidente da República. Minha indicação foi uma composição de várias forças e eu era um representante da esquerda, que espero honrar limpando aqui o meu nome — respondeu.

Covas, então, falou por quase todos da CPI:

— Não há dúvidas de que o seu passado o credencia para ocupar qualquer cargo nesta casa — disse.

Guerra não teve receio de falar sobre a sua relação com o economista José Carlos Alves dos Santos:

— E da minha cultura pernambucana uma certa generosidade das nossas mesas e dos nossos terraços. Zé Carlos me parecia uma pessoa muito simpática e trabalhadora. Eu o convidei a passar na minha casa quando estivesse em Pernambuco. E ele fez isso. Só que havia dezenas de pessoas lá nessa ocasião. Ele era só mais um, junto com sua mulher e o filho — explicou.